

Uma abordagem morfossemântica das formações TELE-X no português brasileiro

Rosângela Gomes Ferreira (UFRJ)¹

RESUMO: O presente trabalho visa desenvolver um estudo lexical acerca das formas “tele-X” em português do Brasil, como, por exemplo, telegrama, televisão, tele-mensagem. Para tanto, iniciamos nossa pesquisa apresentando nossas observações primeiras acerca de “tele-”. A seguir, resenhamos as propostas encontradas que envolvem a descrição e o funcionamento da lexia ora em voga (Rocha Lima, 2007; Bechara, 2004; Cunha & Cintra, 2001; Azeredo, 2008). Intencionamos comprovar que esse elemento passa de radical a prefixo e, a partir dessa mudança, ratificar a produtividade/criatividade lexical que envolve o neo-prefixo “tele-”. A mudança do status morfológico de “tele-”, que supostamente, hoje, atua como um formativo recorrente no processo de recomposição, apoiar-se-á nos estudos de Gonçalves (2005; 2006) e Bybee (1985), objetivando investigar os mecanismos derivacionais e composicionais que atuam nessas formações, na tentativa de comprovar que não há um limite pré-estabelecido entre os dois processos em questão. A fim de coletar dados que sustentem a análise aqui proposta, fizemos buscas no dicionário eletrônico *Houaiss* e também em sites da internet, como *Wikcionário* e *Google*. Distribuimos as formações levantadas em grupos de afinidade morfológica, sintática e semântica, e, com o objetivo de identificar as motivações cognitivas que subjazem a essas formações, utilizaremos, para a análise, o aporte teórico da Linguística Cognitiva (Langacker, 1987 e Fillmore, 1982), mais especificamente nas noções de categorização, prototipia, polissemia e ajuste focal. Até o momento da pesquisa, verificamos que *tele* é aplicado em larga escala em formações recentes e faz referência a duas acepções básicas: “televisão” (telenovela, teleator, telecurso) e “telefone” (tele-gás, tele-van, teleoperador).

1) Palavras iniciais

Analisamos, neste trabalho, as construções morfológicas formadas com o elemento *tele-*. Tal elemento é oriundo do advérbio grego *têle*, que significa 'longe, ao longe, de longe'. Trata-se, portanto, de um radical que funcionava como forma livre em sua origem, e que contribuía para a formação de elementos compostos – formação decorrente da junção de dois ou mais radicais que já funcionaram em algum momento como formações independentes com significação própria, e, ao se adjungirem, passam a formar outra palavra com significado específico e recorrente na língua.

Objetivamos, neste trabalho, apresentar uma proposta inicial de descrição formal para as construções em “tele-”, verificando quais as bases que se encontram ligadas a esse elemento – se presas ou livres - e também a que classes gramaticais pertencem esses elementos. No mais, distribuiremos os dados em grupos de acepções, a fim de que tais acepções dêem conta das especializações formais dessas construções e ainda das extensões de sentido que propiciem tais especializações. Para tanto, lançamos mão do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (doravante LC) – mais especificamente das noções de *frame* (Fillmore, 1982) ou *domínio* (Langacker, 1987) e *esquema imagético*.

Este artigo se estrutura da seguinte maneira: na próxima seção, apresentaremos uma análise prévia a respeito de *tele-* e os questionamentos que nos levaram a essa pesquisa. A seguir, faremos uma revisão da literatura acerca do fenômeno. Não foi encontrado (através de busca eletrônica) nenhum trabalho que tratasse desse elemento lexical. Então, a revisão será baseada apenas no que as gramáticas apresentam sobre o assunto. Na seção seguinte, faremos

¹ Orientadora: Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ) e Coorientador: Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ). Professora do curso de Letras de Faculdade Souza Marques, Membro do NEMP e aluna de doutorado do Programa de Letras Vernáculas da UFRJ, área de concentração: Língua Portuguesa.

a distribuição dos dados a partir de características formais, para, depois, traçarmos as características semânticas que envolvem as palavras encontradas.

O *corpus* utilizado neste trabalho constitui-se de formações retiradas dos dicionários eletrônicos *Houaiss* da Língua Portuguesa (2009) – 110 dados; e *Wikcionário eletrônico* – 372 dados. Além dessas fontes, foram recolhidas palavras novas através do *site* de busca eletrônica *Google* – 30 dados, a fim de obter formas mais recentes, ainda não-dicionarizadas. São, ao todo, 465 dados, levando-se em conta que 47 deles aparecem em duas das fontes. Vale ressaltar que este ensaio constitui um estudo preliminar do assunto, que será aprofundado em trabalhos posteriores.

2) “Tele-”: análise preliminar

Em Língua Portuguesa, segundo o dicionário *Houaiss* (2009), “tele-” ocorre com as seguintes acepções: **1)** 'longe, a distância', como se pode perceber em *telégrafo*, *telegrama*, *telemetro*, *telepatia*; **2)** 'telegráfico (ou radiotelegráfico)', como, por exemplo, em *telefotografia*, *telemecânica*; e **3)** 'televisão', em formações como *teledrama*, *telenovela*, *telerreportagem*, *telespectador*.

Atualmente, esse elemento é aplicado em larga escala para a formação de novas palavras. Em uma análise superficial dos dados, observamos que faz referência a duas acepções básicas: “televisão” e “telefone”, o que o torna um elemento de significado cada vez mais especializado.

Denominamos esse processo de recomposição, conforme estudos de Martinet² (1967: 135 *apud* Cunha & Cintra, 2001, p. 114). Porém, já que este ainda não está bem definido na literatura, propomos, aqui, que seja uma formação resultante de dois processos morfológicos: primeiramente, o falante reduz uma dada forma linguística, que depois passará a funcionar “representando” a palavra da qual era parte.

Porém, não se trata de um processo de truncamento. Belchor (2009, p. 3) define o truncamento como

um processo de encurtamento que se estrutura a partir do mapeamento melódico de uma forma de base, da seguinte maneira: uma sequência da palavra-matriz é copiada e passa a funcionar como unidade lexical autônoma – processo que envolve a supressão de segmentos da palavra matriz, ao contrário do que acontece na prefixação e na sufixação, por exemplo.

No caso do truncamento, a palavra formada funciona como uma unidade lexical autônoma, o que não acontece nos casos de recomposição, em que as formas reduzidas só aparecem ligadas a outra unidade lexical. Não é possível usarmos livremente na língua a forma “tele-” para falar de *telefone* ou *televisão*, por exemplo, sendo, portanto, as sentenças seguintes agramaticais: **Passei meu tele para a Janete me ligar à noite* e **Vou assistir uma tele para me distrair*. Já no caso do truncamento, as formas reduzidas “funcionam” livremente na língua como palavras autônomas: *Nesse calor, um refri geladinho cai muito bem* (refri = refrigerante), *Vou ao Maraca assistir ao clássico Fla X Flu* (Maraca = Maracanã, Fla = Flamengo e Flu = Fluminense).

² *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1967, p. 135.

Além disso, cabe, ainda, destacar que as formas que contribuem para o processo de recomposição são, na verdade, resultado de uma composição desfeita, pois eram radicais que, integrados a outro radical, formavam uma palavra composta: *telefone* (tele + fone), *televisão* (tele + visão). Tais elementos, ao serem separados, passam a equivaler semanticamente ao significado do todo composto.

Vejamos, agora, o que dizem acerca desse morfema.

3) Acerca do “tele-”

Apresentaremos, nesta seção, uma resenha das propostas encontradas que envolvem a descrição desse elemento morfológico. Conforme exposto anteriormente, nos valem de gramáticas consagradas e manuais de morfologia para discutir o assunto.

Rocha Lima (2006, p. 215), no capítulo de “Formação de Palavras”, apresenta o “tele-” na seção “Famílias de Palavras”, e o define como co-radical. “Pertencem à mesma família as palavras que possuem o mesmo radical, que, às vezes, coincide com a raiz. A eles também se dá o nome de *co-radicais*”. Esse elemento seria, segundo o autor, oriundo de *têle*, teria o significado de “longe”, e estaria presente em formações como *telefone*, *telégrafo* e *telescópio*.

A Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara (2004), apresenta, no capítulo intitulado “Formação de Palavras do Ponto de Vista Construcional”, menção ao “tele-” como um prefixo ou elemento grego, cujo significado é “distância, afastamento, controle feito à distância”, exemplificando com *telégrafo*, *telepatia*, *teleguiado*.

Aqui, cabe uma crítica no que tange à definição deste elemento. “Tele-” não é um elemento que possa fazer referência a “controle”. Tal acepção seria decorrente das bases a que esse elemento se adjunge. O exemplo dado pelo autor aponta para isso: “teleguiado” indica “controle feito à distância”, pois *tele* indica “distância” e “guiado”, “controle”. Esse significado é global, decorrente do todo da formação, ou seja, do produto e não do prefixo.

Ao tratar dos “Radicais gregos mais usados em português”, na seção de “Hibridismos”, Bechara (2004, p. 372-380), apresenta novamente “tele-”, cujo significado, dessa vez, é descrito como “longe” e os exemplos dados são *telégrafo*, *telefone*, *telescópio*.

Nessa seção, Bechara (*op. cit.*) define hibridismo como “formação de palavras com elementos de idiomas diferentes”, defendendo que os casos mais comuns envolvem a combinação de elementos gregos com outro latino ou românico, citando, por exemplo, *televisão* (grego e português). E ainda afirma que esses elementos “se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos” e “se juntam a elementos de qualquer procedência”, como *teleguiado*.³

Já em Cunha & Cintra (2001, p. 113-114), esse elemento é apresentado como um “Pseudoprefixo”, na seção de “Recomposição” do capítulo de “Derivação e Composição”. Os autores definem os “prefixóides” ou “pseudoprefixos” como “radicais que assumem o sentido

³ Destacamos que *televisão*, dada por Bechara como um hibridismo - pois resulta da junção de um radical grego a um português - é uma formação bastante recorrente nas línguas modernas, como Francês (*television*) e Inglês (*television*), o que, talvez, faz com que não fosse um bom exemplo para mostrar que as formações híbridas “se acham perfeitamente assimilados ao idioma”. Provavelmente, essa formação, assim como o referente que ela nomeia, veio importada da cultura em que foi criado para as demais culturas. A motivação para a formação em português não parece ser interna.

global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes” e apresentam as seguintes características:

apresentam um acentuado grau de independência;

possuem uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma;

têm, de um modo geral, menor rendimento que os prefixos propriamente ditos.

Os autores consideram que nesse grupo se incluem alguns radicais gregos que adquirem sentido especial nas línguas modernas, mas que ainda se empregam com o valor originário em numerosos compostos. Assim, teríamos um radical que possui mais de um significado na língua: um erudito e o outro moderno. Para exemplificar sua proposta, usou-se o elemento “auto-”, oriundo do grego *autós*, significando “próprio, de si mesmo”, como em *autodidata* (que estudou por si mesmo) e *autógrafo* (escrito do próprio autor), mas que passou, “com a vulgarização de auto, forma abreviada de automóvel” (veículo movido por si mesmo), a ter essa acepção, como se percebe em *auto-estrada* e *autódromo* (Cunha & Cintra, 2001, p. 113).

Os autores ainda se preocupam em distinguir os “pseudoprefixos” dos radicais eruditos, já que estes não ganham sentido especializado em relação ao etimológico ao ingressarem em outras formações. Sendo assim, o que difere os radicais eruditos dos prefixóides é o fator semântico. A esse fenômeno, dá-se o nome de recomposição.

A deriva semântica desses elementos decorre, portanto, de um procedimento especial, denominado RECOMPOSIÇÃO (grifo do autor) por André Martinet, termo que lhe pareceu necessário para batizar “uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supõe a combinação de elementos de estatuto diferente (Cunha & Cintra, 2001, p. 114).

Nesse grupo encontra-se o “tele-”, em formações como *teleguiado* e *televisão*.

Não há, nesse caso, descrição a respeito das acepções desse termo.

Em relação à análise descrita por Bechara (2004), acreditamos que haja um avanço na proposta descrita acima. Contudo, discordamos de que os radicais que contribuem para a recomposição apresentem acentuado grau de independência, pois, conforme apresentamos na seção anterior, esses “radicais” não funcionam independentemente na língua. Ainda discordamos de que se diferenciem dos radicais eruditos apenas pela especialização semântica. Se levarmos em conta a produtividade das formações recompostas, veremos que “tele-”, assim como outros “pseudoprefixos”, são bastante recorrentes, vide as diversas formações novas que encontramos, tais como: *tele-emprego* e *tele-trabalho* (trabalho e emprego à distância, afastados do cotidiano corporativo), *tele-cerveja* (serviço de encomenda de cerveja por telefone), *telepizza* (serviço de encomenda de pizza por telefone).

Esta análise questiona também o *status* de “tele-” como um “prefixóide” ou “pseudoprefixo”, já que essa classificação se deve ao fato de terem “menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos”. Como observaremos, esse elemento tem sido aplicado em larga escala na formação de novos itens lexicais.

Por fim, consideramos a referência “um conceito complexo” muito vaga, pois não é possível entender se os autores falam de um referente ou mais de um.

Uma terceira gramática analisada foi a *Gramática Houaiss*, de José Carlos Azeredo. Não foi encontrada nenhuma referência a esse elemento ao longo da gramática, embora, a nosso ver, seria possível encontrá-la na seção de “Produtividade e Criatividade Lexical”, onde o autor, ao falar da mudança que a língua sofre no seu uso através do tempo, apresenta a proposta de que a criatividade lexical do falante é o que determina a ampliação e a restrição semântica tão comuns numa língua, sendo “impossível prever qual palavra terá seu significado ampliado ou em que direção o significado de uma palavra será reorientado” (Azeredo, 2008, p. 398).

Azeredo (2008, p. 399) ainda afirma que um ato de criatividade pode gerar um modelo produtivo e observa que isso é o que ocorreu com a palavra *sambódromo*, “criativamente formada com a terminação *-(ó)dromo* (=corrida), que figura em *hipódromo*, *autódromo*, *cartódromo*, formas que designam itens culturais da alta burguesia. Não demoraram a circular, então, formas populares, então, como *rangódromo*, *beijódromo*, *camelódromo* etc”.

Concordamos com o autor que essa mudança se deve à criatividade do falante e que, ao propor um novo sentido a uma dada lexia, esse sentido pode se estabilizar na língua e, posteriormente, tornar-se produtivo, sendo aplicado em larga escala pelos falantes na formação de novos itens lexicais. Acreditamos que esse é o caso do “tele-”. Porém, é importante destacar que tal criatividade está associada à necessidade que o falante tem de nomear um novo referente - oriundo das ações da vida moderna - e às suas capacidades cognitivas de identificar, imaginar e integrar. No mundo moderno, as coisas cada vez mais se viabilizam à distância (globalização, *internet*, mundo digital...). Sendo assim, “tele-”, que indica “longe”, ganha uma nova importância para formações novas na língua, tendo em vista as novas invenções humanas.

Porém, não concordamos que seja impossível prever a direção para a qual o sentido de uma palavra irá, pois, com base nos pressupostos da LC, entendemos que praticamente todos os itens lexicais são potencialmente polissêmicos, e que os significados são frutos de processos cognitivos, mantendo resquícios, mais ou menos abstratos, do significado básico. Portanto, “as palavras não carregam significados, mas os ativam a partir de um *frame*⁴ decorrente das diferentes experiências” (Ferreira, 2010, p. 33).

Suas extensões de sentidos são decorrentes da ótica da categorização com base em protótipos. Nesse tipo de categorização, são identificadas as propriedades de uma determinada categoria - entendida aqui como um conceito - e “é estabelecida uma escala entre as mais e as menos representativas, possibilitando a descrição das propriedades que envolvem a categoria, dos elementos que se enquadram na categoria, uma vez que entendemos uma determinada palavra como polissêmica” (Ferreira, 2010). Essas propriedades devem ser descritas com base no domínio-matriz⁵ (Langacker, 1987) e todas elas poderão tornar-se uma aceção do conceito em questão.

⁴ *Frame* é uma esquematização da experiência (um conhecimento estruturado), representado num nível conceitual e sustentado por memória de longo prazo, que relaciona elementos e entidades associados com uma cena estabelecida culturalmente particular - situação ou evento da experiência humana. (Ferreira, 2010, p. 33).

⁵ Em LC, entende-se que as palavras estão sob efeito de escopo e, esse escopo é, na verdade, o *frame* (Fillmore, 1982) ou domínio (Langacker, 1987) a que essa palavra se refere. Um conceito pode pressupor muitos domínios

Quanto aos manuais de Morfologia, foram analisados Henriques (2007), Lemos Monteiro (2002), Rocha (2008) e Sandmann (1992).

Nos dois primeiros, não foram encontradas nenhuma referência ao elemento “tele-”.

Já em Sandmann (1992, p.79), encontramos a seguinte descrição acerca deste fenômeno:

Considerando a passagem de um modelo menos produtivo a mais produtivo como de certa forma uma inovação, inclui-se aqui o uso frequente de mega- como prefixo – observa-se que o Formulário Ortográfico e o Aurélio não dão a **mega-** tratamento de prefixo, mas aqui o consideramos como tal, apenas não ortograficamente, por expressar uma ideia geral: **megainvestigador, megacampanha, megaexposição, megarecessão. Tele-** é outro elemento que, como abreviação de telefone, televisão ou simplesmente com seu significado tradicional de “longe, distante”, entra em muitas formações, sem dúvida um testemunho da cultura da época: **telejogo, telefilme, teleprocessamento, telecompra, teletintas, telepizza**, etc., esses dois últimos, como muitas outras palavras com **tele-**, designativos de serviços de entrega, atendimento, etc.

Com relação a essa análise, consideramos coerente que “tele-” seja descrito como um elemento produtivo e que este se assemelhe a um prefixo, visto que expressa uma ideia específica e recorrente. Porém, não concordamos com a proposta de que “tele-” seja uma abreviação, tendo em vista o processo de formação do qual “tele-” faz parte, conforme exposto na seção 1, e porque entendemos abreviação como outro processo de formação de palavras. Também não concordamos exatamente com a ideia de que, em formações como *telepizza* e *teletintas*, “tele-” designe “serviços de entrega ou atendimento”.

Em Rocha (2008, p. 149-51), ao falar do “processo de formação de palavras: a derivação prefixal”, o autor discorre sobre a possibilidade de se entender a prefixação tanto como um processo derivacional como composicional. Um dos fatores que complicam tal classificação envolve a dificuldade que se tem de estabelecer distinção entre base presa e prefixo, e decide por considerar o elemento “tele-” uma base, portanto, elemento que forma palavras compostas:

$$\textit{telejornal} \quad \textit{tele} \left\{ \begin{array}{l} \textit{base presa adjetiva (relativo a televisão)} \\ \textit{jornal} - \textit{base livre substantiva} \end{array} \right.$$

O linguista elucida que as bases presas equivalem, semanticamente, a substantivos, a adjetivos ou a verbos, de um modo geral.

diferentes. A combinação de domínios simultaneamente pressupostos por um conceito tal é denominado o domínio-matriz.

Com base nas análises descritas acima, pudemos perceber que não há um consenso sobre o processo de formação de palavras que envolve o elemento “tele-”, assim como o tipo de elemento morfológico que esse termo é.

Para tentarmos resolver a questão, seguiremos com a proposta de análise morfossintática desse elemento.

4) Características formais do elemento “tele-”

Como já vimos, originalmente “tele-” era um radical grego, que contribuía para a formação de palavras compostas, designando “longe, distância” ou significados afins. Quanto à classe gramatical, tratava-se de um advérbio.

Nada foi encontrado a respeito das bases a que esse termo se adjunge, ou seja, se eram livres ou presas, e quais as suas classes gramaticais, bem como as dos produtos resultantes de tais formações.

Assim, é que pretendemos propor um modelo de formação lexical para esse elemento, entendendo que se trata de um fenômeno de recomposição, tal como apresentam Cunha e Cintra (2001), por exemplo. A recomposição é definida por Dubois (2006, p. 502) como

restituição de um elemento de uma palavra composta à forma que ele tinha como palavra simples. Assim, o latim *recludere* foi feito no baixo latim como *recludere*, a partir do modelo da palavra simples *cludere*; *retinere* foi feito como *retenere* a partir do modelo de *tenere*. No português, há vários exemplos no registro das camadas incultas, em relação à variante **i-** do prefixo **in-**. Por exemplo, *inresponsável*, *inritado*.

Embora aceitemos que seja um fenômeno de recomposição, entendemos que os dados expostos por Dubois (*op. cit.*), bem como a associação desse fenômeno ao registro “inculto” da língua, não sejam pertinentes.

Para este ensaio, interessam-nos, principalmente, as novas formações em língua portuguesa. Além disso, este trabalho está longe de ser exaustivo. Para muitas palavras encontradas ainda não foi possível estabelecer significado, o que dificultou tanto a análise semântica quanto a morfossintática.

No que tange às classes envolvidas no processo, verificamos que as palavras que se adjungem a “tele-” podem pertencer tanto à classe dos substantivos, como dos adjetivos e dos verbos. A classe do produto resultante dessa formação irá coincidir com a classe da palavra da palavra a que “tele-” está ligado. Exemplos:

	Palavra a que “tele-” se adjunge	Classe gramatical dessa palavra	Produto	Classe gramatical do produto
Tele	Guiar	Verbo	Teleguiar	Verbo
Tele	Comandar	Verbo	Telecomandar	Verbo
Tele	Conduzir	Verbo	Teleconduzir	Verbo

Tele	Cinético	Adjetivo	Telecinético	Adjetivo
Tele	Dinâmico	Adjetivo	Teledinâmico	Adjetivo
Tele	Gráfico	Adjetivo	Telegráfico	Adjetivo
Tele	Jornal	Substantivo	Telejornal	Substantivo
Tele	Espectador	Substantivo	Telespectador	Substantivo
Tele	Comunicação	Substantivo	Telecomunicação	Substantivo

Tabela 1.

Isso nos mostra que “tele-” não altera a classe das palavras, o que reforça seu comportamento como prefixo, pois, em língua portuguesa, sabe-se que elementos prefixais não alteram a classe da palavra a que se ligam.

No que diz respeito, ainda, aos elementos que se unem a “tele-”, o que percebemos até o momento é que são sempre bases, mas não necessariamente livres, como se observa em (a)abaixo. Mas, se levarmos em conta apenas as formações recentes, não dicionarizadas, veremos que todos são bases livres, como se vê em (b).

tele + cine = telecine

tele + grafo = télégrafo

tele + pata = telepatia

tele + gás = tele-gás

tele + pizza = tele-pizza

tele + cerveja = tele-cerveja

Com esses dados, confirmamos o que encontramos na literatura em morfologia, que afirma que os prefixos não modificam a categoria lexical da forma a que se adjungem e não funcionam como cabeça lexical da formação resultante (Gonçalves, 2005), sendo esse papel exercido pela base, que se encontra à direita na formação, caracterizando a construção resultante como DT-DM (determinante – determinado). Além disso, percebemos que “tele-”, assim como os prefixos de um modo geral, não apresenta função avaliativa, sendo, portanto, uma formação neutra do ponto de vista expressivo.

5) Características semânticas do elemento “tele-”

Vimos até agora que o elemento “tele-”, originalmente, indicava “longe” ou “distância”. Isso se confirma ao analisarmos formações como *telecinesia* (movimento de objetos à distância, sem intervenção direta ou contato físico de alguém e supostamente devido a poder paranormal); *telecomandar* (emitir sinais por linha de comunicação para comandar a distância (aeronave, navio, míssil, mecanismo, etc.); *telecomunicação* (designação genérica das comunicações a longa distância que abrange a transmissão, emissão ou recepção de sinais, sons ou mensagens por fio, rádio, eletricidade, meios ópticos ou qualquer outro processo eletromagnético); *teleconferência* (conferência na qual mais de dois interlocutores estão em lugares diferentes, ligados por telefonia, televisão ou computador); *teleférico* (que ou o que

transporta algo a distância, em deslocamento aéreo (diz-se de cabo)); *telorobô* (robô guiado à distância), entre outras.

Por estar associado à distância, “tele-” acabou por se vincular a formas que estão relacionadas aos meios de comunicação, em decorrência das novas ações do mundo atual, pois, o *frame* de distante mudou. Através desses meios de comunicação, mantém-se contato mesmo estando-se distante. Assim, “tele-” passou a ser usado fazendo referência a esses meios, especialmente televisão e telefone.

O falante, por sua vez, acabou por reinterpretar esse elemento como parte de *televisão* e/ou de *telefone*, o que não deixa de ser verdade, já que ambas são formações compostas, formadas por “tele-” + “visão” e “fone”, respectivamente. Podemos afirmar que se trata de uma metonímia, já que se mantém a relação de parte para representar o todo, pois, o que ocorre é que o falante retoma, a partir desse encurtamento que faz das palavras *televisão* e *telefone*, todo(s) o(s) conceito(s) que tais itens abarcam, e não apenas o que seria cabível a “tele-”, sendo, nesse caso, “comunicação à distância”, como nos exemplos⁶ abaixo:

Teleducação – processo de ensino por meio de correspondência postal, rádio, televisão, internet, etc., que se caracteriza pela não contiguidade do professor; educação a distância, ensino a distância.

Telealuno – estudante que se serve de qualquer modalidade de teleducação, tais como, televisão educativa, cursos por correspondência e outros.

Telegrafia – processo de telecomunicações que transmite textos escritos (telegramas) por meio de um código de sinais (código Morse), através de fios.

Telemática – ciência que trata da transmissão a longa distância de informação computadorizada.

Telemarketing – marketing feito à distância.

Teletexto - sistema unidirecional de telecomunicação que, servindo-se da parte redundante de um sinal de televisão ou de uma linha telefônica, transmite informação em forma de texto ou grafismos para a tela receptora de um televisor especial equipado com decodificador.

Assim é que, com o tempo, o falante passa a usar “tele-” designando essas duas acepções: 1) *televisão*, como vemos em (c) e 2) *telefone*, como apresentamos em (d):

(c)	(d)
Teleator	telefax
Telecinagem	tele-símile
Telecine	tele-amore
Telejornal	tele-pizza
Telecurso	tele-gás
Teledifusão	tele-van
Teledrama	tele-emprego
Telefilme	telemóvel
Telejogo	teleoperador

⁶ As definições foram retiradas do Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Telenovela	tele-sexo
Televizinho	tele-vendas.

Acreditamos que “tele-”, nesses casos, indica sempre o “modo como”, o que aponta para um resquício desse elemento como adverbial, indicando uma circunstância, como já era em grego - à distância. Assim, o modo como “faremos algo” – através da TV ou do telefone – será determinado pelo elemento a que “tele-” se liga.

Os elementos que se adjungem a “tele-” podem ser definidos como “algo a ser visto”, em (c), e “algo a ser consumido, seja este um serviço ou um produto”, em (d). Com base nos estudos de Langacker (1987, 1991) sobre ajuste focal e também de Sweetser (1999), sobre modificação adjetival, imaginamos que o elemento que se liga a “tele-” ajusta um sentido ou outro dessa lexia, ativando um dos *frames*/domínios a ele relacionados. Porém, essa análise será apresentada em trabalhos futuros.

A Linguística Cognitiva é uma teoria semântica que entende o significado como uma construção mental em contínuo movimento de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação entre estruturas cognitivas e modelos culturais compartilhados. As estruturas cognitivas de que falamos aqui são as nossas bases de conhecimento, ou seja, estruturas capazes de capturar a organização do nosso conhecimento. Já expomos aqui o conceito de *frame* (Fillmore, 1982), que se assemelha à noção de domínio, traçada por Langacker (1987). Eles determinam que as palavras estão sob o efeito de escopo e esse escopo é, na verdade, o domínio a que essa palavra se refere. Um conceito pode pressupor muitos domínios diferentes.

Um exemplo clássico (Croft & Cruse, 2004, p. 23) é o da noção de *sobrinha*. Para o entendimento do conceito de *sobrinha* dentro do sistema de parentesco ressaltam-se i) o conceito de eu, ii) o conceito de irmão(ã), e, por isso, iii) o conceito de pais e iv) filho(a) dos mesmos pais, para que possamos, então, entender a noção de sobrinha – filha do(a) irmão(ã). As noções, por exemplo, de avô, avó, neto e neta não precisam ser acessadas.

O domínio de “tele-”, pode ser representado pelo esquema abaixo:

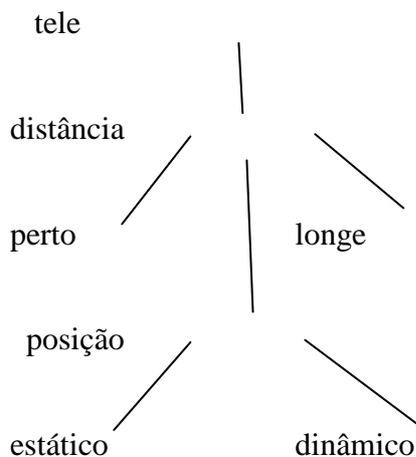


Gráfico 1

Outra base conceptual fundamental para o entendimento de “tele-” é a noção de esquema imagético (EI). Esquemas imagéticos são esquemas pré-conceptuais fundamentais, padrões dinâmicos que funcionam como uma estrutura abstrata de uma imagem, e que, consequentemente, ligam um leque vasto de diferentes experiências dotadas da mesma estrutura.

No caso de *tele-*, temos um esquema imagético do *percurso* ou *trajetória*, pois a nossa experiência do meio que nos cerca nos transmite que algo *longe* pressupõe um posicionamento e um destino final e que para lá chegarmos, teremos que percorrer um caminho, com todos os seus pontos de intermédio e a(s) sua(s) direção(s) tomada(s). Este é o esquema imagético do percurso:



Gráfico 2

A seguir, encontramos o esquema imagético do elemento “tele-”:

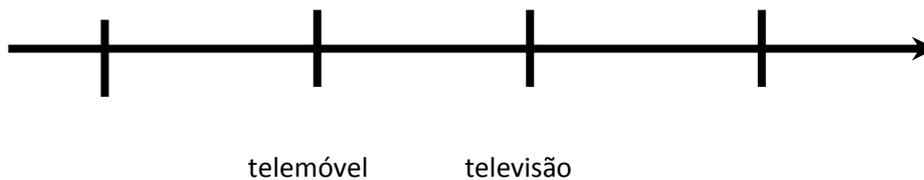


Gráfico 3

Percebemos que *telemóvel* é um elemento que se locomove no percurso, na medida em que acompanha o falante. A mesma posição não seria ocupada por, por exemplo, *televisão* e *teleator*, na medida em que esses elementos são estáticos e o falante é que deveria se transportar até eles.

Cabe-nos observar também que, cognitivamente, há uma motivação para que “tele-” possa se reduzir e significar “televisão” e “telefone”. Sendo a linguagem uma representação de processos cognitivos, que, por seu turno, dizem respeito ao modo como categorizamos as coisas e como elas se relacionam às nossas experiências concretas, sabemos que a experiência humana nos mostra que tanto a visão como a audição podem ser experienciadas à distância, o que não ocorreria com o tato, por exemplo. Nesse sentido, “tele-” representa “televisão” e “telefone” não apenas por uma redução formal da palavra, mas porque, experiencial e, por conseguinte, cognitivamente, existe uma relação entre o que “tele-” deveria indicar (distância) e “televisão” ou “telefone”, o que ele indica, de fato, nas novas formações.

Também verificamos que as formações com “tele-” concorrem com formações com “disk-” ou “disque” existentes em língua portuguesa, como disque-denúncia, disk-íngressos, disque-caixa, disque-pis, entre outras. Até o momento, não conseguimos efetuar uma análise

eficiente que desse conta de quais “serviços” ou “produtos” a serem consumidos são recrutados por “tele-” ou por “disque”, mas, ousamos dizer, com base nos dados encontrados, que serviços do tipo “utilidade pública” não são recrutados por “tele-”, e sim por “disque”.

Com relação ao que pretendemos fazer, ainda há muito que se pesquisar. A proposta aqui está longe de ser exaustiva, que dirá de esgotar a questão, por isso mesmo, dá margem a outros estudos. Um tema que deve ser revisto é no que consiste, de fato, o processo de recomposição, e quais são os seus limites entre a derivação e a composição. Acreditamos, assim como Gonçalves (2005, 2006) e Bybee (1985), que os processos morfológicos não apresentam uma separação estanque, não são processos distintos e fazem parte de um *continuum* morfológico.

Outra proposta de trabalho é a possibilidade de verificação (ou não) das motivações para o frame de “tele-”, a partir da identificação de seu domínio-matriz e de sua rede polissêmica, tendo como base os pressupostos da LC (Langacker, 1987, 1991; Lakoff, 1987; Sweetser, 1999).

Por fim, faz-se necessário uma análise mais minuciosa dos dados, levantando todos os seus significados, datações, e separações por grupos de afinidades semânticas e morfológicas.

6) Palavras finais

Este artigo pretendeu descrever o processo de recomposição no português brasileiro, especialmente no que diz respeito às formações em *tele*. Ao longo do texto, pode-se perceber que, pelo menos em uma análise preliminar dos dados, tal elemento pode ser descrito como prefixo - diferentemente do que propõem alguns estudiosos – tendo em vista a produtividade que “tele-” apresenta. Além disso, o processo de recomposição ainda carece de uma melhor definição, que dê conta das distinções que apresenta em relação aos demais processos de formação de palavras, sobretudo, a derivação e a composição.

As formações encontradas foram analisadas em termos morfológicos e semânticos. No que diz respeito ao primeiro aspecto, observaram-se regularidades no processo, como a posição fixa, um único acento tônico nas formações resultantes, as quais reforçam o caráter prefixal desse elemento, ao lado da produtividade; “tele-” funciona sempre como determinante e, nas formações recentes, as bases a que se liga são formas que funcionam livremente na língua.

Quanto à parte significativa, pode-se dizer que as lexias analisadas apresentam uma mudança de sentido do elemento estudado, que se especializou, nas formações recentes, em “televisão” ou “telefone”, processo que levou em conta o esquema imagético do percurso e a noção de *frame*, bases conceptuais analisadas segundo os pressupostos da Linguística Cognitiva.

Referências

ALMEIDA et alii. Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica. Rio de Janeiro: PublIt, 2010.

- AZEREDO, J. C. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 14. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BELCHOR, A. P. Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BYBEE, J. L. Morphology: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- CÂMARA Jr., J. M. Dicionário de Linguística e Gramática. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CROFT, W. & CRUSE, A. D. Cognitive linguistics. Cambridge: University of Cambridge Press, 2004.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUBOIS, J. *et alii*. Dicionário de linguística. São Paulo, Cultrix, 2006.
- FERREIRA, R. G. A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982, p. 111-137.
- GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação em português. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, C. A; MARINHO, M. A. *et alii*. Caminhos da mudança morfológica em português. In: GONÇALVES, C. A. Estudos em Morfopragmática e Morfologia Diacrônica. Booklink, 2006.
- HENRIQUES, C. C. Morfologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- <http://pt.wikipedia.org>
- LAKOFF, G. Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. Chicago: University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987. v. 1.
- LANGACKER, R. W. Foundations of cognitive grammar: descriptive application. Stanford: University Press, 1991. v. 2.
- LEMOS MONTEIRO, J. Morfologia portuguesa. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- ROCHA, L. C. de A. Estruturas morfológicas do português. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- SANDMANN, A. J. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto, 1992.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In: *Cognitive Linguistic Research 15*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999, p. 129-162.